

cadernos cenpec

EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA

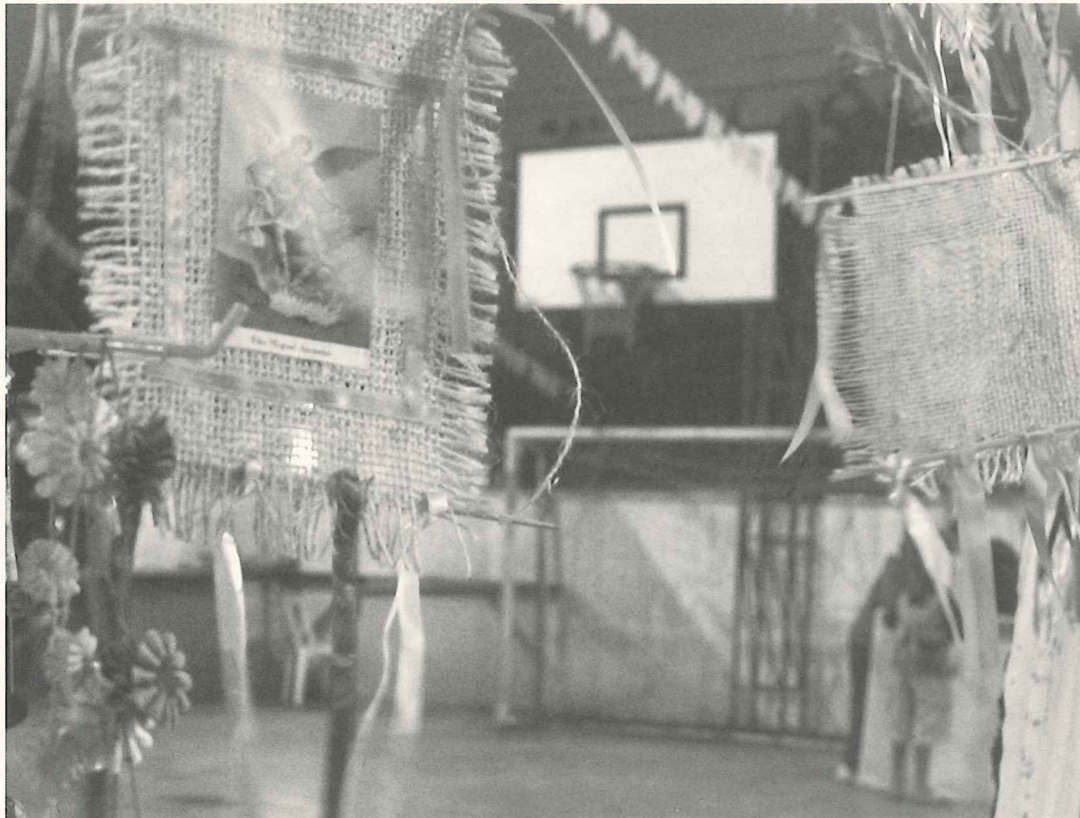
número 7 • 2010

*Educação
e cultura*



Julho 2010

cadernos **cenpec**⁷



Educação e cultura

Sumário

▶ EDITORIAL

Viver e valorizar o novo e a tradição 3

MARIA ALICE SETUBAL

▶ ARTIGO

Cultura e educação na sociedade contemporânea 7

ANA REGINA CARRARA, MARIA DO CARMO BRANT DE CARVALHO, THAIS LIMA

▶ ARTIGO

A construção da humanidade 13

MARIA HELENA PIRES MARTINS

▶ RELATO DE EXPERIÊNCIA

Arte como instrumento de transversalidade 20

MÔNICA HOFF

▶ ARTIGO

Ponto de Cultura: a construção de uma política pública 23

CÉLIO TURINO

▶ RELATO DE EXPERIÊNCIA

A escola na comunidade, a comunidade na escola 32

VERA SANTANA

▶ ARTIGO

Arte, cultura e o espírito de um tempo 37

MARTA PORTO

▶ RELATO DE EXPERIÊNCIA

Uma nova cultura na cultura institucional 44

RODRIGO RAMOS PINTO MEDEIROS E CLARA CECCHINI DO PRADO

▶ ARTIGO

A cultura liberta 51

RENATO JANINE RIBEIRO

▶ **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A cultura da infância e a formação do professor 62
MARIA LUCIA MEDEIROS

▶ **ENTREVISTA**

Democracia, participação e cultura 67
BERNARDO TORO

▶ **ENTREVISTA**

Educação e cultura encontram-se na escola 76
ANA ELISA SIQUEIRA E ALCIDES LIMA

▶ **REPORTAGEM**

O teatro que transforma 84
FABIANA HIROMI

▶ **ARTIGO**

Cultura e desenvolvimento humano 87
DANILO MIRANDA

▶ **ENTREVISTA**

A valorização dos saberes da comunidade na escola 96
SUELI DE LIMA

▶ **ARTIGO**

Dez mandamentos do Ministério da Cultura nas gestões Gil e Juca 103
ALFREDO MANEVY

▶ **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Uma experiência inclusiva e formadora de crianças e jovens 116
ROSIANE LIMAVERDE

▶ **REPORTAGEM**

Um novo chão de fábrica 118
CARLOS GUSTAVO YODA

▶ **MOSAICO**

122
FERNANDO RIOS

A valorização dos saberes da comunidade na escola

SUELI DE LIMA *

A Casa da Arte de Educar, ONG carioca que atua há dez anos nos morros do Rio de Janeiro, parece ter encontrado um ponto de equilíbrio perfeito na combinação de saberes presentes na comunidade e na universidade. Foi do encontro de profissionais oriundos desses dois universos que a organização nasceu e é nessa mesma lógica que ela continua desenvolvendo as suas ações.

Com sedes na Mangueira e no Morro dos Macacos, regiões da cidade do Rio de Janeiro, a Casa das Artes atende a cerca de 450 pessoas, dentre crianças, jovens e adultos, promovendo atividades no contraturno escolar e de Educação de Jovens e Adultos - EJA, com o objetivo de garantir a conclusão dos estudos dos seus diferentes públicos.

Sempre trabalhamos com a convicção de que boas saídas nascem do encontro de diferentes. A gente precisava se misturar, aprender uns com os outros, para que juntos pensássemos esse projeto – explica a fundadora e coordenadora geral da Casa das Artes, Sueli de Lima.

Em parceria com educadoras da Mangueira, Sueli deu início aos trabalhos da instituição, promovendo oficinas de arte na comunidade.

Com uma proposta pedagógica consistente e fruto de constantes reflexões e sistematizações, a Casa da Arte de Educar estrutura seus projetos em núcleos de pesquisas, estimulando a construção de um conhecimento que articula e valoriza os saberes escolares e não escolares, numa relação de troca e respeito às diferenças.

A metodologia desenvolvida pela organização foi adaptada e implementada pelo Ministério da Educação nas escolas participantes do Mais Educação¹, programa de educação integral do governo federal. Em 2009, a Casa das

Artes foi a grande vencedora do 8º Prêmio Itaú-Unicef, que reconhece iniciativas de organizações que desenvolvem projetos socioeducativos em parceria com a escola pública.

Em entrevista ao CADERNOS CENPEC, Sueli de Lima, que é pedagoga e historiadora da arte, fala mais sobre essa parceria com o MEC, sobre as possibilidades que essa metodologia abre ao professor e sobre a relação entre educação e cultura. Ela é categórica:

– É como ter fome e não pensar na comida. A gente nunca pensou a arte só pela arte, e sim como essa formação mais qualificada através da arte poderia colaborar concretamente com a conquista dos desafios acadêmicos.

Educação e cultura são faces da mesma moeda

CADERNOS CENPEC: De quem foi a iniciativa de realizar oficinas de arte na comunidade?

SUELI DE LIMA: Esse trabalho nasceu do meu encontro com educadores da Mangueira e, anos depois, no Morro dos Macacos. Eu sempre trabalhei em favelas. Nasci em frente à Rocinha; depois, me mudei. Sempre fui de classe média, mas morei próximo a favelas, o que não é muito difícil de acontecer aqui no Rio de Janeiro. Essa questão da favela sempre me interessou muito. Em diversos momentos da minha vida, cruzei com educadores comunitários. Meu trabalho sempre foi nessa direção.

O encontro com as educadoras da Mangueira foi quase algo natural; aconteceu através da minha intensa relação com favelas e educadoras comunitárias.

Quando nos encontramos, ficamos pensando como formular um projeto de educação capaz de dar conta dos enormes desafios que existem nas periferias. Base-

* SUELI DE LIMA, pedagoga, arte-educadora e historiadora, é coordenadora geral da Casa das Artes – Mangueira, Vila Isabel e Acari [http://www.artedeeducar.org.br].

Entrevista concedida a FABIANA HIROMI, jornalista e editora do site www.cenpec.org.br

adas em Paulo Freire, a partir do diagnóstico de problemas locais, começamos a trabalhar na comunidade com patrocínio da Xerox.

Esse patrocínio, que durou cinco anos, era o ideal, porque não precisávamos nos preocupar com questões materiais, só pedagógicas, o que fez com que a gente se aprofundasse bastante na metodologia. Tínhamos uma ação muito integrada à comunidade e, ao mesmo tem-



CASA DA ARTE DE EDUCAR, RIO DE JANEIRO, RJ. FOTO: NOELIA ALBUQUERQUE.

po, contávamos com educadores saídos da universidade. Sempre trabalhamos nessa convicção de que a saída nasce do encontro de diferentes. Então, a gente precisava se misturar, aprender uns com os outros, para que juntos pensássemos projeto.

CADERNOS CENPEC: *O trabalho de vocês tem como missão garantir que meninas e meninos concluam os estudos. Por que a escolha da interface entre educação/cultura para promover isso?*

SUELI DE LIMA: Porque a gente entende que educação e cultura são faces de uma moeda. Uma não está separada da outra. Não dava para pensar em formular ou colaborar na formulação de uma saída para educação pública, diante dos desafios que as crianças e jovens viviam, sem pensar na cultura local e no seu desenvolvimento.

É como ter fome e não pensar na comida. A gente nunca pensou a arte só pela arte, e sim como essa formação mais qualificada através da arte poderia colaborar concretamente com a conquista dos desafios acadêmicos. Nossas pesquisas sempre foram no sentido de avançar nessas relações.

CADERNOS CENPEC: *As atividades estão estruturadas em núcleos, que foram sendo criados ao longo da história da instituição. Cada projeto é desenvolvido em um núcleo? Como funciona?*

SUELI DE LIMA: A Casa das Artes tem um projeto pedagógico que se estrutura em cinco núcleos de pesquisa, que foram se estruturando ao longo dos anos e nasceram das nossas pesquisas. Os núcleos têm projetos em separado; às vezes, apresentam intersecções. Depende um pouco do desenvolvimento das ações, do assunto, da proposta. Não tem uma regra.

Inicialmente, nós começamos com o Núcleo de Pesquisas Artísticas e com o Núcleo de Memória. O Núcleo de Pesquisas Artísticas realiza estudos no universo da cultura local, não com a intenção de formar artistas, e sim do ponto de vista de que a arte promove a valorização da subjetividade, a capacidade de o indivíduo interferir no mundo, de se compreender como um igual e um diferente.

A arte é estruturante de muitas das capacidades de cada um se conhecer melhor. É nesse sentido que realizamos pesquisas artísticas, compreendendo também que a arte é algo de muito interesse dos jovens e buscando promover a cultura local, ao mesmo tempo em que a colocamos em debate com a sociedade.

O Núcleo de Memória, que nasceu praticamente junto com o de Pesquisas Artísticas, faz uma pesquisa do contorno cultural da comunidade por meio do vídeo e da fotografia.

Em seguida, nasceu o Núcleo de Diálogos com a Cidade, que a gente chama de educação urbana. Fazemos parcerias com museus e com a cidade em geral, de modo que todo o trabalho da Casa das Artes se estende à cidade. Recebemos gente de fora e também vamos a diversos locais. É a compreensão da cidade como um espaço de formação, de educação.

Depois, criamos o Núcleo de Diálogos com a Escola, que surgiu a partir de uma demanda da comunidade. Começamos a pensar:

- como formular esse diálogo com a escola se não somos uma escola;

- qual o nosso papel em relação à escola;
- como a gente se coloca de um ponto de vista diferente da escola, mas em diálogo com ela?

Foi aí que começamos a pensar nas nossas metodologias que hoje estão aí, implementadas pelo MEC.

Dois anos atrás, nasceu o Núcleo de Tecnologias Populares. É um trabalho de promoção das ciências. A gente entende que, nas periferias, é formulada uma série de soluções para problemas do cotidiano. Então, procuramos promover a valorização desses profissionais e desses saberes, relacionando isso com as ciências (Física, Química, Biologia...).

De modo geral, todos os núcleos dialogam com a escola. Inclusive, na Mandala dos Saberes – que sintetiza a metodologia da Casa das Artes –, o Núcleo de Diálogos com a Escola é o único que envolve todos os outros núcleos, porque ele realmente abraça todas as outras práticas.

Também tem o EJA, que está incorporado à nossa dinâmica com jovens. Foi uma coisa bonita que foi acontecendo no nosso trabalho. As crianças começavam a gostar de estudar e os pais ficavam muito para trás e começaram a se interessar. Foi quando a gente iniciou esse trabalho de educação de jovens e adultos, que hoje é um projeto super forte, atuante.

Interlocução com a universidade

CADERNOS CENPEC: *Você acha que essa divisão nos núcleos atuais contempla todas as dimensões que vocês pretendem trabalhar, ou a ideia é criar novos núcleos?*

SUELI DE LIMA: A gente não entende a educação como algo estático. Neste momento, a Casa tem esse formato, mas estamos sempre pesquisando, inquietos, porque entendemos que sempre é preciso encontrar uma forma melhor de fazer o nosso trabalho. Gostamos de pensar o nosso trabalho de um ponto de vista experimental.

Estamos, por exemplo, pensando em criar um núcleo de saúde; sentimos a necessidade de apoio nessa área. Já temos alguns recursos para isso, mas queremos ter mais. Precisamos de fonoaudiólogos, oftalmologistas e uma série de outros profissionais.

CADERNOS CENPEC: *Quantos educadores atuam aí e de que áreas são?*

SUELI DE LIMA: São cerca de 30, entre educadores e monitores. São de diversas áreas: pedagogos e artistas, principalmente. Também temos geógrafos, historiadores, profissionais de informática. Mas todo mundo dentro da Casa da Arte é pesquisador. A gente realmente vem conquistando isso. Me parece que é um diferencial nosso.

Entendemos que a Educação passa por um momento que necessita de mais pesquisas que nasçam da prática. Não adianta as ONGs receberem recursos e os aplicarem só nas ações. A ação implica uma reflexão que, por sua vez, implica uma nova ação.

Trabalhamos com essa dimensão. Então, eu acho que a gente vem avançando tanto no trabalho de campo quanto nas reflexões que a gente consegue produzir. Temos seis livros publicados, vídeos, uma série de materiais que a gente vem conseguindo elaborar buscando essa reflexão.

Procuramos monitorar muito bem o nosso trabalho. Em função disso, a gente vem buscando uma interlocução com a universidade. Trabalhamos aqui no Rio com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e, em São Paulo, com a Universidade de São Paulo - USP.

Buscamos a supervisão da universidade e, ao mesmo tempo, tentamos formular no espaço em que a gente atua um saber que é distinto do saber universitário. É um saber que nasce da prática. Acharmos fundamental essa relação entre o que a gente faz e o que a gente aprende com o que faz, que, em alguma medida, vai fazer com que a gente faça diferente.

A metodologia da rede de saberes que o MEC implementou e o trabalho que estamos desenvolvendo de adaptação dessa metodologia para o EJA – tudo isso está sendo feito com a supervisão da universidade.

Recuperar a dimensão pesquisadora do professor

CADERNOS CENPEC: *Um dos diferenciais do trabalho desenvolvido por vocês é a metodologia da Mandala dos Saberes². Você poderia falar como ela foi desenvolvida e no que ela consiste?*

SUELI DE LIMA: As mandalas nasceram dos diálogos com as professoras das escolas onde a gente trabalha, pensando muito no que elas diziam:



4ª FEIRA DO LIVRO DE SÃO MIGUEL PAULISTA, CDC TIDE SETUBAL, 2009. FOTO: VERÔNICA MANEVI.

– Puxa, parece que os nossos alunos não sabem de nada.

É uma coisa bem Paulo Freire. A gente respondia:

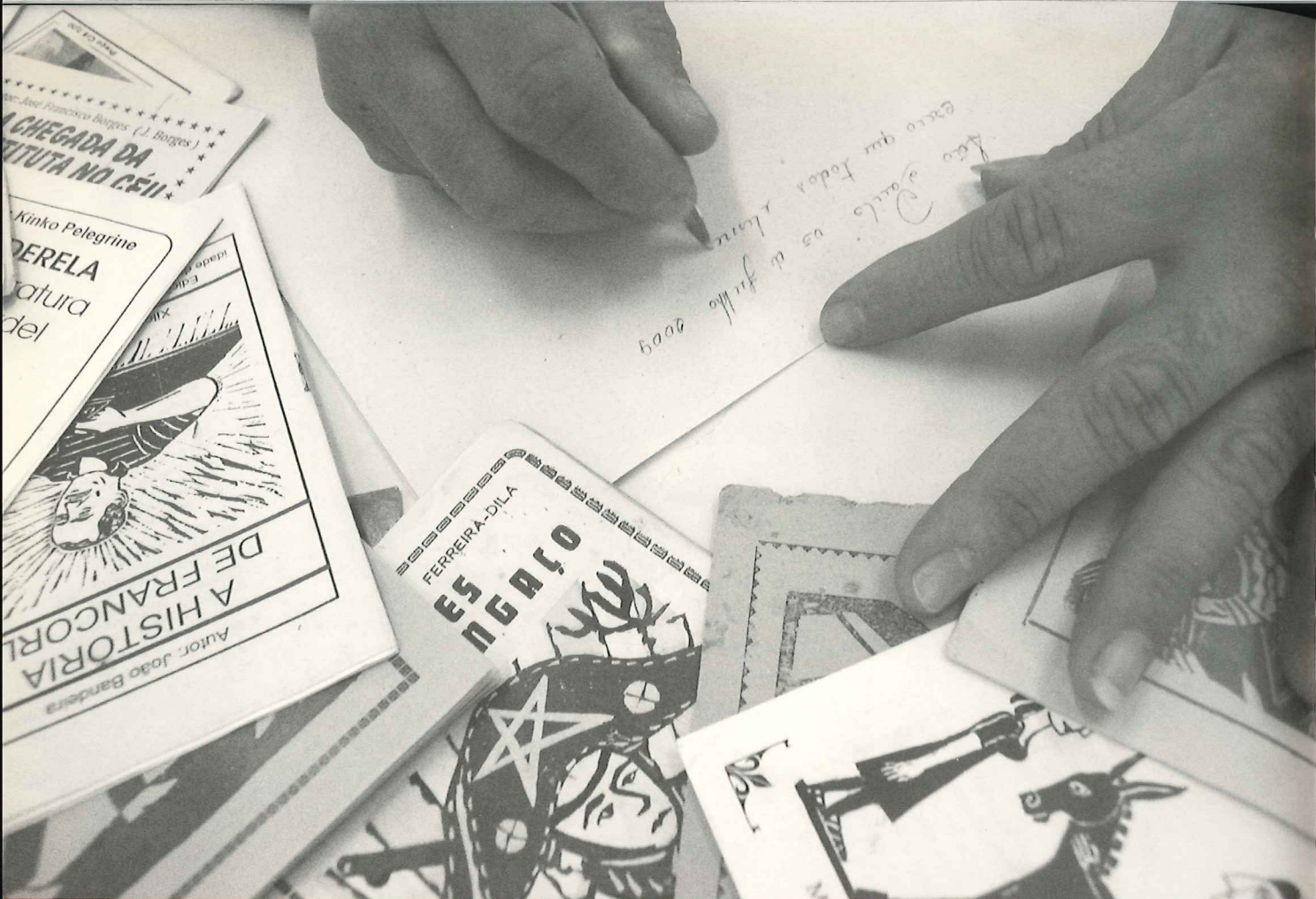
– Meu Deus, mas eles sabem tanta coisa; dão tanto olé na vida.

Pegamos o universo da cultura e começamos a pensar como deixar isso claro, como explicitar.

A primeira mandala, que é a dos saberes comunitários, apresenta o universo da cultura local de qualquer sujeito vivo. O que vai diferenciar é que cada um tem a sua experiência com habitação, com o corpo, com a voz. Mas todos nós temos experiências nas onze áreas que compõem essa mandala.

E aí a gente colocou isso em diálogo com os saberes escolares, pensando a escola de um ponto de vista não tão linear, sem “gavetinhas” (Matemática, separada do Português, separada da História...). Começamos a pensar sistemicamente. Entendemos que nós, professores-pesquisadores, somos mediadores de saberes. Nosso desafio é construir essas relações. Para conseguir isso, é preciso ser livre, ter a capacidade de pensar de forma mais livre. É nesse sentido que muitas coisas podem se relacionar. Depende de como o professor cria esses sentidos.

O trabalho da educação integral é formar um pesquisador. Esse é o trabalho do “contraturno”: apoiar a escola na formação desse pesquisador.



CURSO DE LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA, CDC TIDE SETUBAL, 2009. FOTO: VERÔNICA MANEYV.

CADERNOS CENPEC: *O pesquisador a que você se refere é o sujeito crítico, interessado pelo conhecimento...*

SUELI DE LIMA: É! É preciso aprender a pesquisar em Capoeira, Música, Artes Plásticas, Matemática, Português, nas Ciências... É preciso aprender a pesquisar: observar, desenvolver uma hipótese, debater, destruir essa hipótese, construir outra, criar, jogar – todos esses procedimentos que são inerentes ao pesquisador. Assim, conseguimos relacionar o campo da escola aos saberes comunitários, sem que uma coisa precise formatar a outra e reconhecendo pontos de intersecção entre ambas.

A metodologia é muito simples. Tem um passo-a-passo que garante ao professor a liberdade de construir seu próprio projeto pedagógico. A gente entende que o professor precisa recuperar essa dimensão pesquisadora. As políticas públicas não podem entrar com cartilhas do tipo “faça-isso-faça-aquilo”, e sim explicitar princípios para que os professores venham a desenvolver os seus projetos.

A formação se estrutura desta forma: garantindo ao professor a capacidade de ele se estruturar como pesquisador nas suas práticas pedagógicas, a partir das re-

lações entre cultura e educação, ou seja, entre o universo do território no qual ele atua e os desafios acadêmicos que os alunos trazem.

Essa metodologia foi aperfeiçoada, continua sendo e vai estar sempre nesse processo. Ela não está pronta. Ela é só o início. Ao ser aplicada, ela é destruída e reconstruída, porque a gente não entende a educação como uma coisa fixa. Nunca. A realidade não é permanente e nós temos de acompanhá-la. O que a gente formulou para o MEC, a partir da nossa prática, foram princípios que agora estão sendo, digamos, “digeridos” pelo País e vão naturalmente ganhar formatos novos, espero eu.

O País tem de botar temperos, reformatar, dizer o que está faltando... Não é possível que esteja perfeito. É o início de um caminho que precisa sempre ser aperfeiçoado. A metodologia deve refletir a diversidade da cultura local, das experiências, dos desafios. Por isso, tem de ser livre para ser refeita, reelaborada.

O que a gente fez foi garantir isso. Foi apontar o que está em jogo, quais são as peças do quebra-cabeça, e mostrar que esse quebra-cabeça não encaixa só em um lugar. É uma obra aberta – um conceito do Umberto Eco que diz que “as obras de arte contemporânea são obras

que não possuem um significado em si, e sim naquele que se relaciona com a obra”.

O parangolé, do Hélio Oiticica³, pode ser um pano para eu fazer uma cabana, pode ser o meu véu de noiva, meu lenço, uma saia... Vai depender da resposta que eu der àquele pedaço de pano. Isso é que é fazer obra de arte: é eu me relacionar com ela. A gente entende que os projetos pedagógicos têm de ir na mesma direção: a gente distribui pedaços de pano, mas cada território vai se apropriar e dar a sua resposta. Para que isso aconteça, é preciso incentivar os professores a se tornarem pesquisadores da cultura local.

CADERNOS CENPEC: *Quais os impactos dessa metodologia na aprendizagem?*

SUELI DE LIMA: A gente percebe que os professores aumentam os seus referenciais, seu vocabulário, suas ferramentas e estratégias pedagógicas. Consequentemente, percebem com mais facilidade as relações e o papel deles como mediadores. A metodologia não só valoriza a cultura local, como também o professor. Isso é fundamental, porque o professor precisa ser estimulado, reconhecido, incentivado. A metodologia dá a ele o poder de construir o seu trabalho.

CADERNOS CENPEC: *Vocês mantêm uma relação muito estreita com a comunidade...*

SUELI DE LIMA: Totalmente. A comunidade é a autora dos projetos. A gente pode dizer que esse trabalho, essa metodologia que foi implementada no País, foi construída pelos professores universitários em diálogo com os professores comunitários. Isso é muito bonito para o programa Mais Educação, porque é quando a forma e o conteúdo conseguem andar juntos. O que está sendo valorizado não é só o saber dos professores universitários; é também o saber das professoras do Morro dos Macacos e da Mangueira.

Notas

1. O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.
Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article. Acesso: 26 de janeiro de 2010, 18:30.
2. Para mais informações sobre a Mandala dos Saberes, acessar http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cad_mais_educacao_2.pdf.
3. **Hélio Oiticica**
Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, 26 de julho de 1937 — Rio de Janeiro, 26 de março de 1980) foi um pintor, escultor e artista plástico performático de aspirações anarquistas.
É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo. Sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Era neto de José Oiticica, anarquista, professor e filólogo brasileiro, autor do livro *O Anarquismo ao Alcance de Todos* (1945).
Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann.
Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de “antiarte por excelência”. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas e grafismos, e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha), a partir dos movimentos de alguém que o vê. Por isso, é considerado uma escultura móvel.
Foi também Hélio Oiticica que fez o penetrável Tropicália, que não só inspirou o nome, mas também ajudou a consolidar uma estética do movimento tropicalista na música brasileira, nos anos 1960 e 1970.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%Aglio_Oiticica#cite_note-o. Acesso: 26 de janeiro de 2010, 18:15.

ANO 5
NÚMERO 7
2010

CADERNOS CENPEC é uma publicação do



CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em
Educação, Cultura e Ação Comunitária

Rua Minas Gerais, 228
CEP 01244-010, São Paulo SP
Tel/Fax: (55-11) 2132-9000
cenpec@cenpec.org.br
www.cenpec.org.br

Os artigos assinados não representam
necessariamente os pontos de vista do CENPEC.
As opiniões e idéias expressas neles são de
responsabilidade exclusiva de seus autores.

CENPEC
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

SUPERINTENDENTE
MARIA DO CARMO BRANT DE CARVALHO

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
IVANA BOAL

COORDENADORA TÉCNICA
MARIA AMABILE MANSUTTI

COORDENADORA DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
MARIA ANGELA LEAL RUDGE

COORDENADOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO
WALTER KUFEL JUNIOR

Cadernos Cenpec / Centro de Estudos e Pesquisas
em Educação, Cultura e Ação
Comunitária. – N. 7 (2010) –
São Paulo: CENPEC, 2006
ISSN 1808-9631
Anual
1. Educação 7. CENPEC

CDD 370

Créditos desta edição

Organização e Coordenação Editorial

ISA MARIA F. ROSA GUARÁ

Coordenação executiva:

IVANA BOAL

CRISTINA FERNANDES DE SOUZA

EQUIPE PRÊMIO CULTURA VIVA: ANA REGINA CARRARA,
MARIANA CETRA E MARIANA GARCIA

Comitê Editorial

ANA REGINA CARRARA

ELOÍSA DE BLASIS

FERNANDO RIOS

ISA MARIA F. ROSA GUARÁ

MARIA DO CARMO BRANT DE CARVALHO

Conselho Editorial

ÂMBAR DE BARROS

ANTONIO MATIAS

BERNADETE GATTI

FERNANDO ALMEIDA

FERNANDO ROSSETTI

GILDA PORTUGAL GOUVEIA

ISA MARIA F. ROSA GUARÁ

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA

MARIA ALICE SETUBAL

MARIA DO CARMO BRANT DE CARVALHO

VERA MASAGÃO

Colaboram nesta edição

MARIA DO CARMO BRANT DE CARVALHO

THAIS LIMA

ANA REGINA CARRARA

MARIA HELENA PIRES MARTINS

MÔNICA HOFF

CÉLIO TURINO

VERA SANTANA

MARTA PORTO

RODRIGO RAMOS PINTO MEDEIROS

CLARA CECCHINI DO PRADO

RENATO JANINE RIBEIRO

MARIA LÚCIA MEDEIROS

ANA ELISA SIQUEIRA

ALCIDES LIMA

BERNARDO TORO

FABIANA HIROMI

DANILO MIRANDA

SUELI DE LIMA

ALFREDO MANEVY

ROSIANE LIMAVERDE

CARLOS GUSTAVO YODA

FERNANDO RIOS

Preparação de textos, redação e edição

FERNANDO RIOS

Revisão

PERCIVAL DE CARVALHO

Projeto gráfico original

HOMEM DE MELO & TROIA DESIGN

Diagramação, editoração eletrônica e ilustrações

FONTE DESIGN

Foto da capa

III ENCONTRO DE CULTURA CAIPIRA, CDC TIDE SETUBAL,
2008. AUTORIA: VERÔNICA MANEVY.

Tiragem

2000 EXEMPLARES